
VERGÈS, Françoise, “Nègre je suis, nègre je resterai”.
Entretiens avec Françoise Vergès

Catarina Madeira Santos



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/909>

DOI: 10.4000/cultura.909

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2007

Paginação: 278-280

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Catarina Madeira Santos, « VERGÈS, Françoise, “Nègre je suis, nègre je resterai”. *Entretiens avec Françoise Vergès* », *Cultura* [Online], Vol. 24 | 2007, posto online no dia 10 outubro 2013, consultado a 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/909> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.909>

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

**VERGÈS, Françoise, “Nègre je suis, nègre je resterai”
Entretiens avec Françoise Vergès, Paris, Albin Michel, 2005, 151 pp.**

Catarina Madeira Santos

Neste livro Françoise Vergès relata o seu encontro com o poeta, dramaturgo, ensaísta e político, Aimé Césaire, nascido em 1913, na então colónia francesa da Martinica, e de alguma forma procura resgatar para o século XXI uma figura que, juntamente com Léopold Senghor, marcou profundamente a História do pensamento africano do século XX, através da fundação e formulação daquele que foi o movimento literário e ideológico da *Negritude*, estreitamente associado aos projectos anti-colonialistas e ao desmantelamento dos impérios coloniais.

O que move F. Vergès é a tentativa de estabelecer uma “genealogia” das ideias, através da restituição da obra, por onde se possa criar uma relação com os debates do presente: “o fim dos impérios coloniais, e as questões que coloca, a igualdade, a interculturalidade, a escrita da história dos anónimos, dos desaparecidos do mundo não-europeu” (p. 17). O livro está dividido em duas partes. Uma primeira reproduz o registo das conversas que F. Vergès manteve com A. Césaire na Martinica, em Julho de 2004. A segunda parte, “pós-fácio”, reúne ensaios da autora, onde a obra de A. Césaire é lida à luz da actualidade e dos grandes temas do pós-colonialismo, numa perspectiva crítica que recupera o pensamento de Césaire e, ao mesmo tempo, procura reconhecer as vias e os limites da sua aplicabilidade.

O aparecimento deste livro em volta de Aimé Césaire tem a sua razão de ser. E deve explicar-se, pelo menos, por duas circunstâncias. Em primeiro lugar enquadra-se numa sequência de outras publicações que, desde os anos 90, foram marcando diferentes posições em relação à recepção da obra de Aimé Césaire, no contexto pós-colonial. Em 1989 surgiram críticas oriundas de sectores ligados ao manifesto da criouliidade e lideradas por P. Chamoiseau, R. Confiant e J. Bernabé. Aí se acusava Césaire de fazer uma celebração exclusivista da *Negritude* em detrimento da *Antilhanidade* e portanto dos valores da criouliidade. Posteriormente, a publicação da obra de Raphael Confiant, *Aimé Césaire. Une traversée paradoxale du siècle*, acentuava uma certa contradição entre o arrojo da obra poética e o carácter conciliador da acção política, nomeadamente a partir de 1946, quando colabora em todo o processo que transforma a Martinica em “département d’outre-mer”, com estatuto administrativo, e assim ocupa o lugar de deputado da Martinica, com representação no Parlamento francês. Em forma de reacção, seguiu-se a obra de Annie Lebrun, *Pour Aimé*

Césaire (1994), onde se fornecia uma defesa emocional do poeta. Depois Roger Toumson publicou *Aimé Césaire, le nègre inconsolé* (1994) e desenhou uma biografia organizada a partir do ideal do homem negro. Sem querer exagerar nas referências que envolvem o livro em análise, tem interesse notar que Edouard Glissant, o grande pai do discurso da criouliidade (v. g., *Le Discours antillais*), também natural da Martinica, recupera a obra de Césaire no ensaio *La Cochée du Lamentin* para celebrar o seu percurso. E em 2003, alguns dos mais destacados intelectuais africanos tomaram a iniciativa de o homenagear, durante um colóquio em Bamako, capital do Mali, originando uma publicação *Césaire et Nous. Une rencontre entre l'Afrique et les Amériques au XXI^e siècle*, onde o carácter polifacetado da sua personalidade vem tratado. Num certo sentido a obra de Vergès está na sequência destas publicações e, sem escapar a um fascínio (aliás confessado) pela personagem, nem por isso deixa de revelar um esforço crítico na análise da sua obra, o que fica claro quando põe um pouco de lado a obra poética, onde se situa a universalidade e perpetuidade do seu legado, para se centrar na temporalidade das palavras e das posições políticas.

Por outro lado, e aqui se situa o segundo plano de enquadramento, este livro surge num momento em que a sociedade civil francesa pós-colonial enfrenta um aceso debate em torno do colonialismo, da escravatura, da relação entre passado colonial, memória e presente, mas também experimenta profundas fracturas sociais. A lei Taubira, publicada em Fevereiro de 2005, ao propor uma leitura *light* do colonialismo francês (e recomendar que nas escolas francesas se ensinasse e valorizasse a face positiva da acção colonial), despoletou uma produção bibliográfica inédita e um debate público sobre os traços contemporâneos da escravatura e do colonialismo. Em todo este contexto, Françoise Vergès ocupa uma posição que não é, nem podia ser, totalmente neutral. É natural da Reunião, actualmente professora de Ciências Políticas no King's College em Londres e vice-presidente do "Comité pour la Mémoire de l'esclavage". Possui uma vasta obra no âmbito dos estudos pós-coloniais e das memórias da escravatura e é uma das vozes mais activas no debate que está em curso. No panorama bibliográfico francês, esta aproximação entre o discurso da *Negritude* e as problemáticas do pós-colonialismo tem um carácter profundamente inovador, na medida em que os estudos pós-coloniais têm entrado, a duras penas, na academia francesa.

A entrevista que nos dá Aimé Césaire em discurso directo não é, nem sobre a poesia, nem sobre o teatro, mas sobre temas mais gerais como a escravatura e a reparação, a solidão do poder, a República e a diferença cultural. Trata-se da invocação de um percurso que remete para o momento em que Césaire deixa a Martinica colonial, espaço de recusa, e se dirige a Paris, onde frequenta a École Normale Supérieure, faz amigos, como Léopold Senghor ou Michel Leiris e se coloca questões que conduzem à revelação da "identidade negra";

do “Nègre fundamental” (p. 27), da ideia de uma especificidade africana, entendida como especificidade negra. A referência ao grande clássico *Cahier d'un retour au pays natal*, livro de poemas onde aparece pela primeira vez o termo *Negritude*, depois retomado por L. Senghor, nem por isso ofusca a posição do homem em relação aos vários tempos em que foi precisando colocar-se. Do diálogo ressalta a crítica ao pretensão universalismo dos valores de civilização impostos pelo colonialismo francês, por oposição ao reconhecimento da diferença cultural, conotado com o tipo de colonização praticado pela Inglaterra. E é em aspectos como este, da contestação do universalismo, que Vergès conduz, de facto, a conversa para depois, no pós-fácio, revelar ao leitor a actualidade de algumas posições de Aimé Césaire.

Da leitura deste livro fica-nos o retrato de um pensador, na sua dimensão política. Ao contrário dos intelectuais que celebram o poeta, Vergès incide sobretudo no homem de acção e na actualidade dos seus escritos políticos. Obras como *Discours sur le colonialisme* ou *Cahier d'un retour au pays natal*, continuam a ser objecto de interesse por parte de estudiosos de todo o mundo, desde os Estados Unidos à Alemanha e ao Japão. Para a actualidade, Aimé Césaire representa o intelectual profundamente enraizado na sua circunstância, o “intelectual africano” que age politicamente. E para quem está de fora e pode pensar em relação a outros intelectuais oriundos de outras “Áfricas”, o interesse deste livro reside precisamente aí: na revelação do compromisso entre a voz do poeta e do ensaísta com a voz do político. E dá para pensar noutras figuras e perguntar se, de facto, ao longo do século XX, nos países africanos que faziam a sua independência, a figura do intelectual/académico e a figura do político não foram maioritariamente ditas por um mesmo sujeito.

Uma nota ainda para revelar um tom intimista, sem no entanto cair no sentimentalismo, do diálogo que Françoise Vergès estabelece com esta figura. Há, claramente, uma “motivação afectiva” atrás deste volume, por mais que ela apareça revestida pelo aparato crítico próprio das obras científicas. Entre Vergès e Césaire os traços da cumplicidade são facilmente apreensíveis e invocados ao longo dos diálogos: uma naturalidade tropical (“vous êtes réunionnaise... je suis martiniquais”, v. g., p. 19), o traço da marca colonial, onde a França é a Metrópole, a condição insular, a experiência de cidades crioulas, Fort-de-France na Martinica, Saint Louis, na Reunião... E, até por isso, este volume ganha originalidade.